



NAVEGAR PELAS ÁGUAS DA GEO-HISTÓRIA: cartografias, narrativas e vivências geoliterárias do rio Tocantins no romance “Os Igarauínas” de Raimundo de Moraes

Kirk Patrick da Cruz Vulcão ¹

RESUMO

Há um desafio intelectual em rever aspectos culturais, geográficos, históricos e literários através das memórias da navegação no Rio Tocantins, pela análise do romance “Os Igarauínas” de Raimundo de Moraes (1985). A proposta é “navegar geo-historicamente” nas águas desse rio e de seus afluentes, “reconstruindo e ressignificando” as narrativas presentes na obra, notar as reelaborações das memórias e das vivências dos sujeitos em contato com o ambiente fluvial, as transformações de seus modos de viver, da região, do rio, das pessoas e da cultura.

Palavras-chave: Geografia, História, Literatura e Memória.

RESUMEN

Existe un desafío intelectual en la revisión de aspectos culturales, geográficos, históricos y literarios a través de las memorias de la navegación por el río Tocantins, a través del análisis de la novela “Os Igarauínas” de Raimundo de Moraes (1985). La propuesta es "navegar geohistoricamente" en las aguas de este río y sus afluentes, "reconstruyendo y redefiniendo" las narrativas presentes en la obra, notando las reelaboraciones de memorias y vivencias de sujetos en contacto con el medio fluvial, las transformaciones de sus formas de vida, la región, el río, la gente y la cultura.

Palabras clave: Geografía, Historia, Literatura y Memoria

INTRODUÇÃO

Os discursos e as representações sobre a Amazônia envolvem diários de viagem (escritos por naturalistas, agentes públicos e memorialistas), relatórios de presidentes de província, músicas, produções literárias e outras manifestações artísticas. Cada autor e obra espelham um diálogo entre o imaginário e a realidade, manifestados de acordo com

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, kp_vulcao@hotmail.com;



a imersão e subjetividade de cada autor(a). Em RANCIÈRE (2009, p. 49), temos o seguinte:

[...] Passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstruir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico. Não se trata apenas de compreender que a ciência histórica tem uma pré-história literária. A própria literatura se constitui como uma determinada sintomatologia da sociedade e contrapõe essa sintomatologia aos gritos e ficções da cena pública.

Alguns autores desses discursos e registros, vide os escritos de RANGEL (2008) e CUNHA (2009), foram “impressos” e desprovidos de alteridade para com o interlúdio da população amazônica em suas práticas e vivências. Isto ocorre principalmente quando se valem das referências e relatividades entre barbaridade x civilidade, atraso x progresso e demais nomenclaturas. QUIJANO (2005, p. 127) evidencia:

[...] povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas [...] sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores [...] o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro do qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo.

Há um desafio intelectual no sentido de propor a revisão de aspectos culturais, geográficos, históricos e literários. Este trabalho dialogará por meio de uma pesquisa qualitativa inspirada em CRESWELL (2014) no que se refere a representação legítima da exploração das ciências sociais e humanas, pela hermenêutica GRONDIN (2012) enquanto a designação de um espaço intelectual e cultural a ser interpretado, bem como pela análise de discurso em PÊCHEUX (2015) no viés de análises de estruturas e (re)elaboração de sentidos.

Tais práticas decorrerão através da Geografia, História, Literatura e das memórias da navegação no Rio Tocantins, alicerçadas por meio da análise da polifonia de vozes BAKHTIN (2002), da poética do espaço BACHELARD (1989) e do local da cultura BHABHA (1998) por intermédio da análise do romance “Os Igaráunas” do autor Raimundo de Moraes (1985), o qual transcorre na região do baixo e médio Tocantins sob a forma espacial e imaginada.

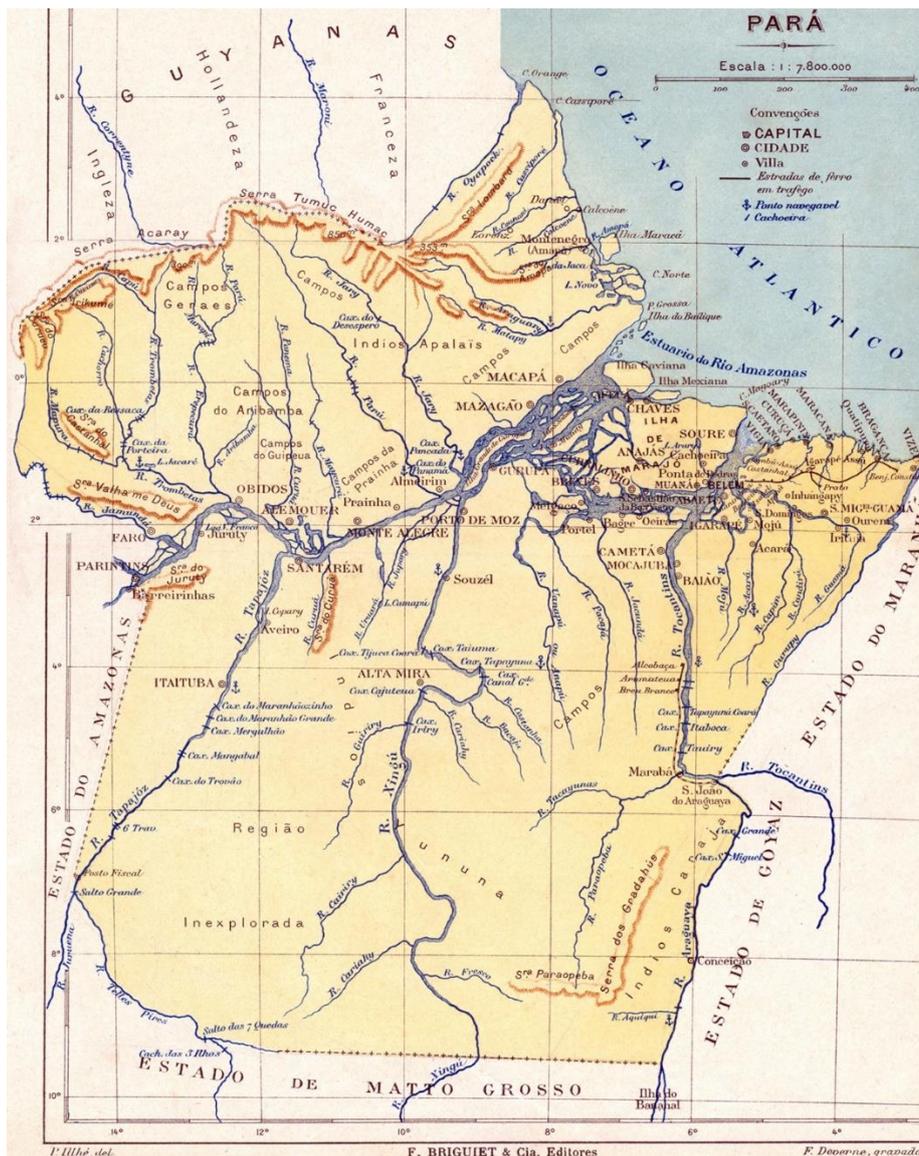


Figura 1: mapa do estado do Pará no ano de 1923. Fonte: [para-mapa-antigo.jpg](#) (1580×1980) ([brasil-turismo.com](#))

Cametá – PA é uma cidade situada geograficamente à margem esquerda do rio Tocantins e distante a cerca de 200 km de Belém – PA por. Pessoas tiveram suas vidas marcadas pela interação das suas relações para com rio. Caça, pesca e coleta foram os eixos direcionadores no que concerne às estruturas de relações sociais e modos de viver. Nesse sentido, a coleta do cacau, a pesca do peixe mapará e as relações venatórias de trocas comerciais alicerçaram as construções familiares e nortearam práticas.

Há registros acerca da presença missionária na região do município de Cametá – PA com a presença do Padre Antônio Vieira, a expulsão de Holandeses das



proximidades de Gurupá – PA, a partida de Pedro Teixeira para a conquista do Amazonas em viagem expedicionária até Quito no Equador. Há vultos históricos presentes sob as figuras religiosas católicas de D. Romualdo Coelho e D. Romualdo de Seixas, bem como de lideranças políticas a exemplo de Cônegos, líderes políticos, engenheiros e figuras “ilustres”.

No entanto, onde estariam presentes as figuras caboclas e engenhosas de Cameté – PA? Porque estão opacizados e submergidos os artífices detentores de saberes notórios, sustentadores de uma singularidade regional relativa a um equilíbrio de vida da exploração da natureza e existência humana?

CÂNDIDO (2010) ao pesquisar sobre a poesia popular, analisou as relações entre literatura e sociedade, observou a superposição de extratos em sua diversidade, a amostragem representativa e a validade da reconstituição (por meio dos documentos e a oralidade). O aspecto da vida social tem características de tema sociológico e os meios de vida evocam a problemática social [...] “sugerir as condições de vida no tipo disperso de povoamento, indicando as formas de sociabilidade desenvolvidas em função dele [...]”. (CÂNDIDO, 2010, p.72)

A obra de Moraes é composta por 27 capítulos que remetem ao cotidiano de uma família “tradicional” às margens do Rio Tocantins, cercada de trabalhadores, vizinhos e sujeitos em uma teia social na qual fazem parte elementos familiares, políticos, religiosos e sociais. O Coronel Igaraúna assume um discurso empírico que encontrará dialogicidade com a presença de Emília Snethlage (ornitóloga, diretora do Museu Botânico Emílio Goeldi) por meio de um discurso construído por saberes acadêmicos. Para RANCIÈRE (2009, p. 55):

É a identificação dos modos de construção ficcional aos modos de uma leitura dos signos escritos na configuração de um lugar, um grupo, um muro, uma roupa, um rosto. É a assimilação das acelerações ou desacelerações da linguagem de suas profusões de imagens ou alterações de tom, de todas as suas diferenças de potencial entre o insignificante e o supersignificante, às modalidades da viagem pela paisagem dos traços significativos dispostos na topografia dos espaços, na fisiologia dos círculos sociais, na expressão silenciosa dos corpos.

Nesse sentido, não há uma sobreposição de falas ou embate entre os dois personagens, mas uma construção convergente que perpassa por diálogos e relações socioculturais que convidam a transpor um pensamento monolítico de viés cientificista.



São práticas desestabilizadoras (individuais e/ou coletivas) em um contexto de perguntas e sem respostas definitivas no exercício de auto-reflexão.

A proposta é “navegar geo-historicamente” nas águas desse rio e de seus afluentes, “reconstruindo e ressignificando” as narrativas presentes na obra de Moraes no intuito de notar as reelaborações das memórias e das vivências dos sujeitos em contato com o ambiente fluvial, as transformações de seus modos de viver, da região, do rio, das pessoas e da cultura.

SCOTT (2002, p. 11) enaltece que “[...] a historiografia da luta de classes tem sido sistematicamente distorcida em favor de uma posição centrada no Estado”. Revisitaremos lugares de memórias, práticas, costumes e valores, bem como a própria geografia e história das comunidades e dos sujeitos que viveram do rio e para o rio: barqueiros, canoeiros, pescadores, ribeirinhos, dentre outros. Servimo-nos do viés da triangulação onde:

Na triangulação, os pesquisadores fazem uso de múltiplas e diferentes fontes, métodos, investigadores e teorias para fornecer evidências confirmadoras. [...] Em geral, esse processo envolve evidências confirmadoras de diferentes fontes para lançar luz sobre um tema ou perspectiva. (CRESWELL, 2014, p. 197)

As fontes de memória registradas por viajantes na região dos Rios Araguaia e Tocantins (Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, Ignácio Baptista de Moura e Henri Coudreau) no período de 1850 a 1900, originaram uma variedade de registros escritos e pictográficos acerca dos modos de viver e práticas desses sujeitos ribeirinhos.

Valendo-se de SANTOS (2007) no que tange na tessitura do pensamento pós-abissal enquanto diversidade e infinitude do mundo, encontra-se um processo de construção epistemológica e que calcado na ecologia de saberes, emana uma pluralidade de formas de conhecimento que transcendem o conhecimento científico. Assim, a expansão do caráter testemunhal, amplia o alcance da intersubjetividade como interconhecimento e vice-versa, a exemplo: “[...] a coexistência de diferentes temporalidades ou durações em diferentes práticas de conhecimento requer uma expansão da moldura temporal”. (SANTOS, 2007, p. 89)

A ocupação de territórios ao longo do baixo e médio rio Tocantins é promovida pelas trocas comerciais das propriedades de cacau, seringais, castanhais, pesqueira e entrepostos de navegação. Em HARDT e NEGRI (2016, p. 21) “[...] o capital também



funciona como forma impessoal de dominação que impõe leis próprias, leis econômicas que estruturam a vida social, fazendo com que as hierarquias e subordinações pareçam naturais e necessárias”.

A exploração dos recursos naturais e as comunicações com Belém do Pará são promovidas por meio do comércio de barcos à vela, vapores e “gaiolas”², bem como outros de menor porte que usam a força de remadores. Nesse sentido, temos um “marcador” em que o avanço tecnológico promove uma hibridização entre o conhecimento da carpintaria naval artesanal com a inserção de motores:

Ficara definitivamente resolvida a viagem do coronel Anastácio a Belém. Daí a três dias chegava de cima o Anajatuba, gaiola armado a iate, construído na Inglaterra, sólido e elegante, 140 pés entre perpendiculares, 30 de boca, e 7 de calado, deslocando 250 toneladas. Só de uma hélice, camarotes ao centro, com boa pressão marchava 12 milhas. Trafegava no Tocantins sem auxílios oficiais do governo. Os fregueses da firma proprietária e as pessoas importantes da zona (os *categorias*, na forma zombeteira do povo), gozavam nesse navio de certos privilégios, inclusive o de só pagar a metade da passagem, importância correspondente às comedorias. (MORAIS, 1985, p.24)

Há diversos sujeitos a serem realocados no protagonismo da cena histórica. As populações ao longo desses rios são constituídas dos mais diversos tipos de agentes sociais. Temos manifestações que remetem tanto a ações e relações de povos indígenas, africanos e europeus. Acrescenta-se que os modos de viver de tais sujeitos, oferecem possibilidades de interpretação das manifestações culturais tanto no que se refere a elementos comuns e unificadores de uma “cultura ribeirinha” quanto no que tange as especificidades culturais de cada grupo. Nesse sentido, vale ressaltar Alfredo Wagner Berno de Almeida (2004, p. 10) quando:

[...] A territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições sucessórias porventura existentes.

Para ALMEIDA (2004), atividades como o extrativismo, agricultura, pastoreio e pesca coadunam em um tripé formado pelos “sujeitos biologizados”, agentes sociais e pela existência coletiva. No que concerne às identidades coletivas, encontra-se a

² Embarcações a motor que realizam a navegação fluvial. Anteriormente eram barcos a vapor. São barcos de acabamento simples, pouco conforto e nos quais os passageiros viajam alocados em redes no convés. Em face do movimento das águas, as redes balançam de um lado para o outro, imitando o movimento dos pássaros em gaiolas.



legitimação de territorialidades específicas e etnicamente construídas, bem como extensões territoriais de pertencimento.

OBJETIVOS

A captação e exploração das histórias e memórias da navegação na região constituída pelo rio Tocantins e sua dialogicidade por meio da análise dos relatos de viajantes, obras de memorialistas e da literatura regional ao longo dos anos 1830 e 1930 na região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins. Em THOMPSON (1998, p. 213) “[...] o modo como as pessoas conceberam o seu tempo não é necessariamente o modo como ocorreram os acontecimentos da época.

Compreender as experiências narradas a fim de revelar a pluralidade enfatizando-se a presença de elementos que tangem à circularidade cultural e a problematização dos modos de viver e trabalhar dos sujeitos que viveram dos rios e para os rios e as relações estabelecidas com os demais atores locais, perpassam pelas formas de negociação das relações de classe, a articulação das hegemonias no âmbito das relações diárias além da investigação significativa das premissas morais simbólicas e solidárias. MARTINS (1993, p. 64) observa que:

[...] As ciências sociais têm estado divididas entre uma orientação que privilegia o econômico e o tecnológico, no estudo de populações indígenas e camponesas, assumindo como natural e inevitável, sua transformação ou desaparecimento; e uma orientação que procura resgatar o ponto de vista da vítima, sua condição de sujeito do processo social e histórico.

Problematizar as representações construídas sobre as experiências dos sujeitos ribeirinhos, no sentido de desmistificar significados atribuídos a estas experiências por um olhar de pensamento dominante oriundo de grupos oligárquicos, constituído por políticos, religiosos e intelectuais. MEDEIROS e FRANÇA (2020, p.7) nos fazem “[...] um convite a olhar mais ao longe: olhar e escutar outros saberes, outros modos de conhecer, outras epistemologias e, dessa forma, encontrarmos a transdisciplinaridade”.

Isto pressupõe uma ruptura com uma tradição elitista e excludente no que tange às narrativas acerca da região e seus sujeitos. As autoras acima mencionadas enaltecem que o conhecimento deve ser pautado nas diferenças e não nas desigualdades, por meio



do rompimento com as hierarquias entre os conhecimentos. Enaltecem o domínio das tradições intergeracionais, no âmbito do aprendizado e da transmissão do conhecimento. Em WAGNER (2008, p. 66) “[...] precisamos ser capazes de experienciar nosso objeto de estudo diretamente, como significado alternativo, em vez de fazê-lo indiretamente, mediante sua literalização ou redução aos termos de nossas ideologias”.

Pesquisaremos os sentidos narrativos da memória, da literatura e dos relatos de viajantes realizando uma leitura “a contrapelo” das fontes com vistas à compreensão de em que medida tais narrativas colhem numa memória social seus substratos para construir as representações do mundo da navegação. Há de se pensar na objetividade relativa e na relatividade cultural que desembocam na reflexão de WAGNER (2008, p. 30): “[...] ao experienciar uma nova cultura, o pesquisador identifica novas potencialidades e possibilidades de se viver a vida, e pode efetivamente passar ele próprio por uma mudança de personalidade.”

JUSTIFICATIVA

As reconstruções geo-históricas e geoliterárias no que tangem à historiografia e geograficidade regional ainda são, relativamente, incipientes. Muitos aspectos e faces da realidade sociocultural da região, referentes à navegação e aos modos de viver dos ribeirinhos, continuam imersos, merecendo dessa forma um esforço revisionista da Geografia, História e Literatura. Em LEITE (2010, p. 17) a busca de tal possibilidade é realçada a partir de “[...] descrever percursos e experiências que foram guardadas nas memórias orais dos grupos, expor fatos que não se encontram nos documentos escritos, no mundo dos papéis, em cartórios ou em bibliotecas”. O exercício de trazermos o estudo da obra literária de Morais é decorrente de que:

[...] A literatura, ou o estudo literário, está sempre imprensada entre duas abordagens irredutíveis: uma abordagem histórica, no sentido amplo (o texto como documento), e uma abordagem linguística (o texto como fato da língua, a literatura como arte da linguagem). (COMPAGNON, 1999, p. 30)

Raimundo Morais nasce em Belém – PA em 1872 e falece na mesma cidade em 1941. Acompanhava desde cedo seu pai, que era prático de embarcações. Aos 18 anos, obtém a carteira de prático e piloto fluvial, passando a percorrer muitos dos rios da



planície amazônica. Adentra na vida literária aos 52 anos com a obra: “Notas de um jornalista” e até o ano de 1940 tem uma intensa produção literária. (LAREDO, 2007).

A ideia é partir das vivências dos personagens apresentados no romance “Os Igaraúnas” que usufruíram do rio e seu entorno no consumo, produção e extração do pescado e produtos herbáceos. Transportam pessoas, portam e fazem circular valores e costumes, integrando culturas e espaços; fazem dos rios o seu instrumento de trabalho, lazer, educação familiar e sociabilidades. Valendo-se de LEITE (2010, p. 19) notamos que “[...] A identidade social não é um estado fixo, imutável, ou algo que pode ser interpretado desde fora e de modo unilateral, mas acontece desde uma dinâmica relacional que envolve todo o conjunto de forças em movimento na sociedade”.

Busca-se revalorizar as práticas desses sujeitos com seus modos de viver específicos, contribuindo para que suas práticas cotidianas não sejam olvidadas. Para ALMEIDA e SANTOS (2019, p. 154) há “[...] forma de produção com as funções simbólicas e o sentido cultural do metabolismo social em consonância com a natureza”. bem como a permeabilidade de cosmovisões e produção de novas práticas a partir da confluência de saberes no âmbito científico interdisciplinar e tradicional.

É interessante notar o quanto a produção literária de escritores contemporâneos à época auxilia Morais na construção de suas obras, principalmente no que se refere a trabalhos científicos os quais são constantemente referenciados ao longo da obra (vide figura 2). Serve-se bastante da observação e dos registros de usos e costumes, a vida indígena, a crença e tabus religiosos, caracteres simbólicos, cosmogonia e mitologia amazônica, a geografia, a presença do negro e diversos temas (festas e rituais). Em COMPAGNON (1999) verificamos que simultaneamente, a literatura confirma um consenso e produz a dissensão, o novo, a ruptura.

OBRA

Zoogeographia do Brasil

Catálogo de Aves Amazônicas

Sertum Palmarum

AUTOR

Cândido de Mello Leitão

Emília Snethlage

Barbosa Rodrigues



Corografia Brasilica	Ayres do Casal
Dicionário de Milagres	Eça de Queiroz
O Meu Flor Sanctorum	José Severiano de Resende
As Verdadeiras Bernardices	Doutor Nada Lh'Escapa (pseudônimo)
As Lendas Cristãs	Theophilo Braga
Mythos Anthropomorphos	Frederico Hartt
Sonho duma noite de S. João	Visconde de Castilho
Midsummer night's dream	William Shakespeare
Dicionário Portuguez – Nheengatu – Nheengatu- Portuguez	Ermanno Stradelli
Brasil Pré-Histórico	Ulysses Pennafort
Primeiras Noções do Tupi	Plínio Ayrosa
Etnografia Portugueza	José Leite de Vasconcelos
Geologia do Estado do Pará	Frederico Katzer
Motins Políticos	Domingos Antônio Raiol

Figura 2: obras e autores citados no romance “Os Igarauínas”

PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Esta narrativa geoliterária dialoga com a Geografia, História, Literatura e Memórias de comunidades que viveram do rio Tocantins por meio da integração de diversas linguagens (a exemplo da escrita e da oral). Essas comunidades integraram a cultura da região tocantina por meio de seus deslocamentos e fixações. Para MASSEY (2008, p. 15) “[...] o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atividades frente aos outros, nossa política”.



Dessa forma a ficção histórica, a cartografia literária e a narrativa geográfica são evidenciadas por uma história de um coronel da região norte do Brasil, chefe político local e que é envolvido em um universo cultural circunscrito na região do baixo e médio rio Tocantins. MASSEY (2008, p. 111) salienta:

[...] Lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado e assim essenciais para a geração do novo. O espacial, em seu papel de trazer distintas temporalidades para novas configurações, desencadeia novos processos sociais.

Através de experiências narrativas de populações ribeirinhas, evidenciam-se traços de manifestação poética e justapostas às polifonias de vozes elencadas no romance de Raimundo de Moraes. Verificam-se as representações sociais pelos dizeres atribuídos aos personagens de caráter oligárquico na obra vigente. Para RANCIÈRE (2009, p. 59) “[...] A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer”.

A economia regional perpassa pela compra e venda de produtos da fauna e flora como o sernambi³, a borracha e a castanha. Peculiares são os deslocamentos feitos por embarcações a remo. Os detentores de posses materiais, valem-se do serviço de remadores, que em muitas das viagens usam a aguardente como instrumento de auxílio para o avançar de suas jornadas. Para HARDT e NEGRI (2016, p. 9) “[...] O capital, é claro, não é uma forma pura de comando, mas uma relação social, e depende, para sobreviver e se desenvolver, de subjetividades produtivas que lhe são internas, mas antagônicas”. Há também o universo de conexão entre as pessoas que habitam nas ilhas e comunidades.

Cada território é dotado de seus aspectos físicos e elementos a serem apropriados/utilizados pelos sujeitos. O sentimento de pertencimento e identidade é materializado por meio de manifestações dos aspectos culturais, dos valores, dos costumes e das tradições. A apropriação e/ou domínio de técnicas e ferramentas é outro elemento que singulariza os sujeitos que vivem do rio e para o rio. Há especialistas empíricos quanto à fabricação de barcos, instrumentos de pesca, culinária e confecção de elementos de cestaria.

3 Concha de molusco



Para CUNHA (2007, p. 78) “[...] o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores”. Ainda que não detenham um saber escolarizado e institucionalizado, manifestam-se por meio de vivências práticas e da própria empiria a transmissão e manutenção de seus saberes por meio das relações interfamiliares e intergeracionais que ocorrem desde a infância tanto enquanto modo de viver e prática “pedagógica” para a vida.

Ao elegermos os sentidos narrativos da memória através dos relatos dos viajantes BATES (1944), WALLACE (2004), COUDREAU (1980) e MOURA (1910), os confrontamos em busca de uma compreensão através da evocação de uma memória social dos excertos das obras a fim de se construir as representações de um mundo fluvial:

[...] A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura. A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem, pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico. Sem consciência desse engajamento, a história é somente uma projeção ideológica [...] (COMPAGNON, 1999, p. 223)

Enquanto instrumento balizador desta pesquisa, remetemo-nos a LOUREIRO (2015) no que tange à cultura, que por intermédio do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda. O imaginário, possibilita uma transcendência dos espaços físicos delimitados, bem como da temporalidade. Voltando a uma perspectiva bachelardiana, a paisagem assume uma dualidade de significados por intermédio da razão e do sonho. Para MORAIS (1985, p. 24):

A água verde do Tocantins parecia refletir a clorofila da mata. A superfície fluvial dir-se-ia um espelho de esmeraldas que reproduzia tudo. As árvores ribeirinhas, de perfil invertido, tinham aparentemente a copa no fundo do rio e os caules voltados para cima. À menor agitação na grande lâmina líquida e glauca o tronco dessas árvores tremia na miragem mergulhada. No ar, de vez em quando o cariz azul do céu via-se riscado por uma asa. Passavam araras aos pares; papagaios e periquitos aos bandos. De longe em longe, num voo lento e ritmado, como um capulho vivo de algodão esvoaçante, quebrava o friso verdoengo da beirada, uma garça branca.

O mítico e o poético apresentam afinidades em tons de paralelismos. O mítico traz em si um conjunto de significados carregados de exacerbações voltadas à



grandiosidade e transcendência das limitações humanas. O poético por sua vez possibilita o exercício de imaginação e sugestão além da racionalidade objetiva.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desenvolveremos uma pesquisa de caráter qualitativo inspirada nos preceitos de FLICK (2004) por intermédio de uma abordagem bibliográfica utilizando-se da hermenêutica interpretativa dos relatos de vivências e dos sentidos dos discursos presentes na obra de Raimundo de Moraes; na qual a cultura regional seja reapresentada por meio da narrativa geo-histórica e literária como resultante da dialogicidade entre elementos residuais e emergentes, uma relação entre o passado e o presente e reciprocamente.

Revisitaremos processos que envolvem a navegação por meio das práticas de sujeitos e suas vivências nas águas, ilhas e faixas de terra próximas do rio Tocantins no final dos anos 1890 até o início da década de 1940. Analisaremos atividades de pessoas, como artesãos, comerciantes fluviais, construtores de embarcações, extrativistas e pilotos de barcos, os quais não são restritos a práticas masculinas.

Tais experiências, registradas pelo memorialismo e pela literatura deixam entrever os laços entre o presente e o passado naquilo que é residual e ativo e naquilo que emerge a partir das transformações. MASSEY (2008, p. 198) trata lugares não como representações cartográficas, mas como integrações de espaço e tempo. Nesse sentido, “[...] como um tear de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada”.

Contemplando os céus pelos caminhos das águas em uma profusão de significados geo-históricos e literários, singramos por um universo aquático-terrestre que transpassa nas manifestações da cultura em processo de unicidade junto à natureza e aos homens. Pensando enquanto espaço situacional e geográfico deparamo-nos com o rio Tocantins e suas possibilidades de narrativas registradas em memórias escritas e perpetuadas por outros meios de transmissão a exemplo das narrativas orais, fotografias, cantos e contos. Para LAROSSA (2016, p. 10):

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser



produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos.

Trata-se de um universo que se comunica por meio de interações sociais que levam a negociações, ações e ressignificações das vivências dos agentes sociais por intermédio da economia, cultura, produção material e afins por parte das pessoas, interesses, afinidades e diversidades. Em BACHELARD (1989) percebemos uma oniricidade à contemplação da natureza, evidenciada pelas paisagens naturais idealizadas e transformadas de acordo com os interesses de ocupação dos espaços e seus aproveitamentos.

O igapó na Amazônia é um mundo à parte. Para nele se navegar, mariscar e varar, em suma há que ser nativo ou quando não, ter recebido uma longa e natural aprendizagem na zona, tais as sutilezas necessárias, na defesa da vida, aos homens que o frequentam. Todos os cinco sentidos, e mais um, se houvesse, nada valem se o indivíduo não tiver o auxílio propiciatório do ambiente. (MORAIS, 1985, p. 136)

A pluralidade dos sujeitos e suas ações se entremeiam e enfocam a conectividade e convivência no âmbito de suas práticas e produções culturais. Notabilizam-se tais formas enquanto produção de embarcações, instrumentos de caça e pesca, artesanato, manifestações religiosas, costumes e tradições.

Dois dias depois da partida do castanhal os Igarauínas encontraram subindo para o alto Araguaia, de volta de Belém, uma grande *canoa de mineiros*. Parecia um bicho bravo da floresta, tal o seu aspecto rústico, alheio à tinta e às delicadezas da carpintaria. Tudo nele era de palha, cipó, embira e madeira, mais lascada que planada. Os calafetes dessa obra lembravam os primitivos calafetes da terra, quando o homem das cavernas ensaiava no primeiro tronco de pau o futuro transatlântico. Vasto bote raso, de acordo com o pouco fundo nas estiadas, duas toldas de folhas de palmeira, à vante e à ré, era guarnecido por 16 homens do mesmo feitio, rudes, feitos a machado no sertão: caras tortas, fisionomias pouco alinhadas, mal vestidos e cobertos por chapelões de palha como a própria canoa. Dir-se-ia um monstro aquático remado por gente de presídios. Remontavam às minas renteando a terra, aproveitando os remansos e fugindo à corrente. Gastavam seis, sete, dez meses de viagem. Tão afeitos no entanto era àquele mister que não marcavam semanas nem meses. O tempo nada lhes valia. (MORAIS, 1985, p. 175-176)

Morais em seu romance se vale de elementos de estética realista e naturalista no que se refere ao modo de escrever caracterizado pelo rebuscamento das descrições de paisagens e construções das situações vivenciadas. Há a ênfase nos discursos de



elementos científicos no que se refere à Biologia e Geografia (pelas obras referenciadas e sugeridas) e um apreço ao regionalismo por meio de expressões e diálogos entre os personagens do romance.

Verificam-se aspectos de solidariedade no que se refere às realizações do putirum⁴ (ação de limpeza de algum terreno para plantio ou construção de casa) e preocupações quando alguém esteja doente. Buscam-se curas por meio de promessas a santos e pajelanças. Temos relações de afetividade por meio das fogueiras de São João e sincretismo cultural por meio da presença de mitologias e cosmogonias enquanto a presença do boto⁵.

O primeiro dia dos recém vindos foi gasto em combinar os postos. Distribuíram-se as funções de acordo, mais ou menos com a vontade de cada um. Fulano roçaria, Sicrano pescaria, Beltrano amolaria a ferramenta. Com as cunhãs, o mesmo. Cozinha, enchimento d'água, distribuição de comida, lavagem de peças de serventia, condução de objetos para as proximidades da zona de roçar, tudo enfim, que demandava esforço, distribuíram de maneira que, na outra madrugada, assim que o maria-já-é-dia anunciou a aurora, todos estavam de pé. A farinha, destinada aos trabalhadores durante o período em que se fazia a roça, fora feita com antecedência. (MORAIS, 1985, p. 153)

Em Moraes encontramos um mundo ligado pelo universo das relações da água, da terra e dos sujeitos em suas multiplicidades. Por outro lado, temos uma poética do espaço engendrada na formulação de uma teia de relações a partir de metáforas animais, vegetais e seus seres.

A tradição nefasta do boto exerce não só um fluido perturbador na vida dos habitantes das margens, que é onde todos nós moramos, como se amplia e aumenta sempre que esse herói de mil façanhas é discutido nas narrativas ingênuas dos tapuios. De caráter fabulosamente hermafrodita, sua ação amorosa se alarga no meio das raparigas e dos rapazes. De vez em quando, e com irrequieta frequência, é uma cunhã atingida, *pegada*, na expressão típica da região, pelo boto. Entretanto, há casos de jovens tapuios que o cetáceo, no caráter da Iara, de sereia portanto, *pega* também e leva para o fundo dos lagos e rios, donde nunca mais voltam. (MORAIS, 1985, p. 104)

Os aspectos físicos e geográficos constituem-se elementos de paisagem concreta que em alguns pontos passa pela ação antrópica do homem quanto a mudanças por meio do estabelecimento de sítios, povoados e roças. Por outro lado, trata-se de espaços de pouca interferência no que se refere à manutenção da flora e fauna e ambientes de caça.

4 Variação de mutirão

5 Golfinho de água doce



Temos um universo que se descortina a cada capítulo por meio do uso de artefatos no uso cotidiano (caça, pesca, coleta e outros). Tal realidade é evidenciada pelas cestarias, confecções de redes, remos decorados, embarcações e demais materialidades. Na referida obra, há momentos aprazíveis acerca do banho nas águas esverdeadas dos rios e por outro lado o encontro com a morte pelo insucesso na travessia dos rios e naufrágios. O ir e vir dos personagens perpassa por um encontro com o rio. Suas viagens, tarefas rotineiras e reflexões acompanham o rio enquanto elemento de significação e identidade.

Não é o *conhecimento* do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o *sentimento* que constitui o valor fundamental e primeiro. A natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures. Em seguida, procuramo-la em detalhe, porque a amamos em geral, sem saber por quê. A descrição entusiasta que dela fazemos é uma prova de que a olhamos com paixão, com a constante curiosidade do amor. E se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial. (BACHELARD, 1989, p. 123).

Há de se problematizar a produção de imaginações espaciais únicas sobre os lugares. O lugar enquanto uma coletânea de histórias num espaço articulado por relações de poder em que a escrita está correlacionada às narrativas. A busca pela compreensão do pensamento espacial hegemônico envolvido leva a provocação epistemológica no âmbito de estrutura e conceitos sob o viés da diferença, nuances acerca das linguagens utilizadas no âmbito da criação de perspectivas e suas contextualizações, resultando em múltiplas percepções.

Não há “ingenuidade” nas narrativas. Estas trazem em seus interstícios a (re)produção de hegemonias bem como rupturas e suas correlações acerca do imaginado e do real. A narrativa literária emerge enquanto situação problematizadora e suscita questões fomentadoras de aproximação e diálogo entre a Geografia, História e Literatura sob a ótica da espacialidade.

Pluralidade que assemelha e opõe a verdade e a ficção de formas sutis. Imaginação e falas autorizadas. O engendramento e legitimação das relações de saber LARROSA (2016) resulta na oposição à narrativa una e é um convite ao fato no âmbito da experiência, desprovido de previsibilidade. As palavras são tidas enquanto criação de mundo imaginário a partir de como são construídas e seus tensionamentos.



Emergem possibilidades de revisionismo e novas participações de atores sociais para além de uma homogeneidade narrativa. Mobilização, resistência e emergência de subalternidades. Em RANCIÈRE (2009, p. 16) temos que “[...] A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz no tempo e do espaço em que essa atividade se exerce”. Dessa forma, vêm à tona narrativas fundadas (territorializadas) e questionadas (desterritorializadas) e possibilidades de novas escritas (reterritorializadas).

Na “colisão” de trajetórias torna-se concomitante a coexistência de diferentes histórias, articuladas em suas semelhanças e diferenças, passíveis de questionamentos, transcendendo o “espaço real” e suscitando outros sentidos e narrativas acerca do lugar. Singularidades e generalidades nos pontos de encontro acerca das narrativas, discussão da retórica lógica no processo de criação do espaço. Continuidades e simultaneidades que se (re)constituem no âmbito da palavra e posição em seus (re)encontros. Fatos e ficções que se entrecruzam. Lugares que se tornam abertos e inacabados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de quilombos, terras indígenas, "babaquais livres", "castanhais do povo", faxinais e fundos de pastos**: terras tradicionalmente ocupadas. 2. ed. Manaus. PGSCA-UFAM, 2008.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n. 1. p. 09-32, mai. 2004.
- ALMEIDA, Rejane Medeiros de; SANTOS, Valéria Pereira. **Mapeamento social dos impactos dos grandes empreendimentos agrícolas do Matopiba na Comunidade Tauá**: uma perspectiva a partir do processo de resistência camponesa no Cerrado - Barra do Ouro – TO. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1478>. Acesso em: 23 out. 2021.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Annablume, 2002.
- BATES, Henry Walter. **O naturalista no Rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2010.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- COUDREAU, Henri. **Viagem à Itaboca e ao Itacaiúnas**. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens; tradução: Sandra Malman da Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014.



- CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**: ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro. In: Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico, p. 293-300. **Cultura com aspas**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016
- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- LARÊDO, Salomão. **Raymundo Moraes na planície do esquecimento**. 2007. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Belém, 2007. Curso de Mestrado em Letras.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4.ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.
- LEITE, Ilka Boa Ventura. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalizações dos quilombos. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner B. **Cadernos de debate Nova Cartografia Social**. Território Quilombola e conflitos. UEA, 2010.
- MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MEDEIROS, Olivia. M. M. FRANÇA, Leila de Sousa. In: Coleta e cultivo de plantas medicinais: a terapêutica comum partilhada nas áreas de cerrado e nos quintais do Assentamento Rural Fortaleza. **Dossiê Estudos Interdisciplinares em Cultura e Território na Amazônia**. v. 20. n. 2 Temporis (ação), v.2020.
- MORAIS, Raimundo de. **Os Igarauínas**. São Paulo: Roswita Kempf, 1985.
- MOURA, Ignácio Baptista de. **De Belém a S. João do Araguaia** – Valle do Rio Tocantins. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução por Eni P. Orlandi. 7. ed, Campinas: Pontes Editores, 2015.
- QUIJANO, Anibal Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução por Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**: cenas e cenários do Amazonas. 6ª edição. Manaus: Editora Valer, 2008.
- ROY, Wagner. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. In: SERPA, Angelo (Org). Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SANTOS, Boaventura Souza. **Para além do pensamento abissal**: das linhas gerais a uma ecologia dos saberes. Novos estudos. n. 79, p. 71-94 nov. 2007.
- SCOTT, C. James. **Formas cotidianas da resistência camponesa**. Tradução de Marilda A. de Menezes; Lemuel Guerra. Revista Raízes, Campina Grande, v. 21, n. 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.
- THOMPSON, E. P. Economia moral revisitada. In: **Costumes em Comum**: Estudos sobre a Cultura Tradicional. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.